



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS - CAMPUS III  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

**TEREZA ELIETE DE OLIVEIRA FERNANDES RIBEIRO**

**DE SHAKESPEARE À SUASSUNA: A HISTÓRIA DE AMOR DE ROMEU E  
JULIETA NOS CÍRCULOS DE LEITURA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**GUARABIRA  
2022**

TEREZA ELIETE DE OLIVEIRA FERNANDES RIBEIRO

**DE SHAKESPEARE À SUASSUNA: A HISTÓRIA DE AMOR DE ROMEU E JULIETA NOS CÍRCULOS DE LEITURA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literatura.

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R789s Ribeiro, Tereza Eliete de Oliveira Fernandes.  
De Shakespeare à Suassuna [manuscrito] : a história de amor de Romeu e Julieta nos círculos de leitura da educação básica / Tereza Eliete de Oliveira Fernandes Ribeiro. - 2022.  
46 p.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Leitura. 2. Dramaturgia. 3. Círculo de leitura. 4. Ariano Suassuna. I. Título

21. ed. CDD 372.4

TEREZA ELIETE DE OLIVEIRA FERNANDES RIBEIRO

**DE SHAKESPEARE À SUASSUNA: A HISTÓRIA DE AMOR DE ROMEU E JULIETA NOS CÍRCULOS DE LEITURA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Línguas e Literatura.

Aprovado em: 25/10/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

*Rosângela Neres A. Silva*

\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Eduardo H. C. Valões*

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valões  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Jenison Alisson dos Santos*

\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*“A tarefa de viver é dura, mas fascinante”*

(Ariano Suassuna, 1987)

## **AGRADECIMENTOS**

Começo agradecendo profundamente a Deus, por ter me mantido de pé e me fortalecido para que eu conseguisse concluir essa árdua jornada. A todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho, dando-me palavras de esperança, meu muito obrigada.

De forma muito especial, agradeço a minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Rosangela Neres, a qual acolheu minhas ideias e guiou meus passos por entre as veredas, minha eterna gratidão, querida professora. Agradeço, também, a sua imensa compreensão e paciência, amizade sempre doce na caminhada.

À minha família, em especial minha avó, Terezinha Ribeiro, fonte inesgotável de inspiração, coragem e força, ela desbravou as trincheiras do mundo e me inspira na jornada a ser alguém excepcionalmente melhor.

Agradeço aos professores que compuseram a banca examinadora deste trabalho final, em especial ao Professor Dr<sup>o</sup> Eduardo Valones, pelas inúmeras contribuições ao longo da minha jornada de pesquisadora, a qual se encerra neste trabalho.

Aos amigos que suportaram firmemente minhas lamentações e sustentaram minha fé, Giovane e Gleyce, vocês foram presentes especiais qual a jornada acadêmica me apresentou, espero leva-los para sempre no melhor lugar do meu coração.

A universidade me ensinou muito sobre perseguição, sangue e injustiças, no núcleo da educação nacional, uma ruptura: a falta de pluralismos existentes. Mas, há de existir luz em tamanha escuridão. Todo caminho é sorte, ensinamento e lição. Aprender com a dor também é força de resistência e agradecimento.

## RESUMO

Para muitos, a leitura ainda é considerada uma prática difícil, principalmente para a sala de aula. Porém, existem muitas técnicas e estratégias utilizadas para fazer com que essa leitura seja praticada de modo mais prazeroso, dentro e fora da sala de aula; o círculo de leitura é uma delas. Com base nisso, este trabalho de conclusão de curso propõe a leitura de uma obra do autor paraibano Ariano Suassuna, *A história de amor de Romeu e Julieta* (1997), inspirada no clássico *Romeu e Julieta* (1595), do dramaturgo inglês William Shakespeare, no 9º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, como fundamentação teórica, recorreu-se aos estudos feitos por Rildo Cosson (2014) acerca do círculo de leitura e letramento literário; Lajolo (2018) acerca da teoria do ensino de literatura; Spolin (2012) sobre o teatro e as estratégias da dramaturgia; bem como aos documentos oficiais de ensino, a exemplo da BNCC (2017) acerca do que se espera do ensino de dramaturgia, dentre outros referenciais. Por fim, foi demonstrado um guia prático sobre as etapas do círculo de leitura como estratégia para o uso do texto teatral em sala de aula.

**Palavras-chave:** Leitura; Dramaturgia; Círculo de leitura; Ariano Suassuna.

## ABSTRACT

For many, reading is still considered a difficult practice, especially in the classroom. However, there are many techniques and strategies used to make reading more enjoyable, both inside and outside the classroom; the reading circle is one of them. Based on that, this work proposes the reading of a literary work by the paraibano author Ariano Suassuna, *A história de amor de Romeu e Julieta* (1997), inspired by the classic *Romeo and Juliet* (1595), by the English playwright William Shakespeare, in the 9th grade of elementary school. For this, as a theoretical foundation, we resorted to the studies made by Rildo Cosson (2014) about the reading circle and literary literacy; Lajolo (2018) about the theory of teaching literature; Spolin (2012) about theater and the strategies of dramaturgy; as well as the official teaching documents, such as the BNCC (2017) about what is expected from the teaching of dramaturgy, among other references. Finally, a practical guide was demonstrated on the steps of the reading circle as a strategy for the use of the theatrical text in the classroom.

**Keywords:** Reading; Dramaturgy; Reading Circle; Ariano Suassuna.

## SUMÁRIO

<b>1 TÓRRIDO SERTÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2 O TEATRO MUNDO: UM PANORAMA .....</b>	<b>12</b>
2.1 Abrem-se as cortinas: a Dramaturgia na Escola.....	12
2.2 No ser(tão) da BNCC: o gênero teatral e os documentos oficiais.....	15
<b>3. MESTRE DE MIL FACES: A DRAMATURGIA SUASSUNIANA.....</b>	<b>16</b>
3.1 Um dramaturgo sertanejo.....	16
3.1.2 Um amor do litoral ao sertão: Nuances entre Shakespeare e Suassuna.....	17
<b>4. LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NAS VEREDAS DA SALA DE AULA.18</b>	
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
5.1 Etapas de intervenção: de Verona ao Litoral Nordestino.....	25
<b>6.FECHANDO AS CORTINAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>30</b>



## 1 TÓRRIDO SERTÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o início da humanidade, somos atravessados por histórias, cenas, formas, representações, sejam elas em casa, na rua, lendo um livro ou até mesmo inseridos no cenário da sala de aula e, por conseguinte, onde há pessoas, há histórias. Essa percepção nos leva diretamente à importância da dramaturgia por entre o tempo, sendo o estudo dramático a identificação sensível do mundo, da literatura e do próprio indivíduo em sociedade.

Diante desse cenário, a prática teatral na escola leva-nos ao crescimento integral do humano, a partir de interpretações da estrutura comportamental e, através da experiência integradora, que também são papel da escola. Dessa forma, o sistema educacional tem a possibilidade de oferecer qualidade e equidade nas experiências significativas através do teatro, que afetam os estudantes nas esferas emocional, social, cognitiva e até mesmo na busca pela compreensão de determinadas temáticas.

Acerca dessa lógica, pontuamos que o ensino da dramaturgia é cada vez mais importante e efetivo na busca por uma aprendizagem que faça real sentido em sala de aula, o indivíduo, que sempre sentiu a necessidade de representação, ora de suas angústias ora de suas alegrias, encontra no palco do teatro, através da encenação, a representatividade máxima de suas dores, prazeres e reflexos muito particulares de sua construção cidadã. A dita “ação trágica” oferece fortes reflexões dos pensamentos subjetivos.

No que concerne à temática, desde Platão o teatro se modifica e amplia-se na busca pela intenção educativa. No tocante a história mundial do teatro<sup>1</sup>, observam-se os exercícios de expressão dramáticas, já que os textos eram estudados através dos significados das expressões e, contracenadas, as cenas visavam a didática, a construção e funcionalidade do ambiente em que eram retratadas as obras; desde então, o teatro continua funcionando para o aprimoramento da personalidade humana.

Dessa forma, o estudo da dramaturgia, busca relevância no trabalho com o gênero dramático em sala de aula, o qual através da experiência, por meio da leitura

---

<sup>1</sup> Referência ao livro: “*A história mundial do teatro*”, da Margot Berthold (2010) que integra um trabalho notável detalhando a dramaturgia e a criação cênica em períodos representativos da história do mundo.

compartilhada, conecta pessoas com suas emoções, para além do campo estrutural e didático/pedagógico e se conecta à atividade humana e social. O drama é, assim, a arte do eterno presente, as representações literárias do trágico são fontes de inúmeras perspectivas, sugerindo uma investigação de suas concepções.

Logo, neste artigo, propomos lançar um novo olhar para as possibilidades de trabalho com a dramaturgia em sala de aula, com um texto inédito do escritor paraibano Ariano Suassuna, presente no *Box Teatro Completo* (2018), um compilado onde estão presentes as peças do mestre Ariano divididas em: comédias, tragédias e entremeses. Por meio do texto presente no livro, ainda, buscaremos demonstrar o quanto a intertextualidade cênica da obra, comunica e dialoga com a clássica tragédia de Shakespeare, *Romeu e Julieta*, aprimorando o erudito ao âmbito escolar.

Sendo assim, justificamos a pesquisa por sua importância para o contexto da sala de aula e seu debruçar sobre o gênero dramático, por vezes, negado ao chão escolar, seja pela escassez de textos que possam realmente ser frutíferos à sala de aula, ou, pela crença limitante acerca do tempo gasto com o trabalho teatral na escola. Sua relevância também consiste na associação com os círculos de leitura, o letramento e a forte necessidade que a sala de aula possui de se renovar, e de possibilitar o diálogo com as múltiplas artes.

Para tanto, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Aristóteles (1993), Lajolo (2018), Cosson (2006), Telles (2013), Viola (2008), Colomer (2003) entre outros estudiosos.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em seis unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: O teatro mundo: panorama geral, onde, brevemente, explicitamos a força que o gênero teatral possui, e o quanto o mesmo é essencial para o chão escolar; nesse tópico existem dois subtópicos que demonstram a partir dos documentos oficiais, a necessidade e possibilidade de inserir o gênero em sala de aula.

Na terceira seção, *Mestre de mil faces: a dramaturgia Suassuniana*, fazemos um breve relato de vida e obra do mestre Ariano, na busca de explicitar a importância de sua obra para utilidade didática, bem como, apresentamos a obra em questão e sua ligação com a dramaturgia inglesa.

Na quarta seção do trabalho, Leitura e letramento literário nas veredas da sala de aula, buscou-se analisar a teoria de Cosson (2014) em relação a importância da literatura para formação integral do aluno.

Logo, o tópico cinco mostrará a Metodologia dos círculos de leitura como guia para o trabalho com a obra de Ariano em sala de aula, bem como, as nuances de cada etapa, descritas pelo Cosson (2014) e que podem ser adaptadas pelo professor. Após essa sessão, encontram-se os anexos com a obra de Ariano Suassuna na íntegra, juntamente ao esboço de um plano de aula, o qual funciona como norteador da atividade com o texto dramático.

## **2 O TEATRO MUNDO: UM PANORAMA**

Ao falarmos sobre o teatro, sobretudo na conjuntura de texto teatral em referência à escola, entramos no contexto de relevância e ressignificação tanto do hábito de leitura quanto da aprendizagem de conteúdos, pois, ambos conseguem ofertar à sala de aula a possibilidade de construção, entretenimento e encanto. Nesta seção, trazemos uma leitura apurada de algumas constatações a respeito do surgimento e importância do teatro, sobretudo na escola.

### **2.1 Abrem-se as cortinas: a Dramaturgia na Escola**

A figura do professor dentro de sala de aula se modificou e continua mudando ao longo dos anos, vivemos a era da geração Z<sup>2</sup>, plugada em aparelhos celulares e distraída por tantos incentivos ao seu redor, como as redes sociais, por exemplo. A figura do docente em sala se altera também, passa de detentor absoluto do conhecimento para mediador de propostas que visem a aprendizagem em uma construção individual e coletiva.

A autora e diretora de teatro Viola Spolin, direciona com muita maestria as noções básicas de teatro, apresentando a importância desde o personagem, até mesmo o espaço de construção das obras dramáticas. A autora foi uma das pioneiras do chamado teatro improvisacional, qual consiste em apresentações

---

<sup>2</sup> A geração Z é composta por quem nasceu na primeira década do século XXI. Por não haver uma exatidão na contabilização do tempo em relação ao surgimento das diferentes gerações, podemos considerar como geração Z quem nasceu no fim da década de 1990. (FONTE: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/geracao-z.htm>.)

espontâneas, parcialmente baseada em técnica e majoritariamente inspirada pelo momento da representação teatral.

Spolin é leitura para todos, do leigo ao professor, apresentando o método que pode ser levado para o público de diferentes faixas etárias. Por intermédio dos jogos e dos métodos teatrais, a abordagem do ensino se conecta com a comunicação entre indivíduos, experiências e, novas perspectivas. Um manual que pode (e deve) ser atualizado para cada ponto de vista e público alvo, haja vista que, a sala de aula é um espaço diversificado e plural.

Os jogos teatrais foram originalmente concebidos por Viola Spolin para ensinar técnicas teatrais para jovens estudantes, escritores, diretores e técnicos, sem se constituírem em lições de como fazer. Por meio do jogo e de soluções de problemas, técnicas teatrais, disciplinas e convenções são absorvidas organicamente, naturalmente e sem esforço pelos alunos. Jogos teatrais são ao mesmo tempo um simples divertimento e exercícios teatrais que transcendem ambas as disciplinas para formar a base de uma abordagem alternativa para o ensino/aprendizagem. Por essa abordagem, professores e alunos, durante curtos períodos durante a semana, podem sair do conteúdo, colocar de lado objetivos e papéis e jogar. (SPOLIN, 2012, p. 12)

Ou seja, o teatro induz de maneira muito prazerosa o conhecimento cênico, apresentando a sala de aula, uma versão mais substancial do mundo aos indivíduos que nele habitam, caracterizando cenas, espaços, lugares e sentimentos. Abre-se, neste momento, a janela da sala de aula para o mundo, construindo pontes indestrutíveis com o conhecimento aliado aos múltiplos saberes. Neste múltiplo sistema de produções e leituras de mundo, nas trocas entre professor, aluno e leituras, está o sistema de produção consolidada de um conhecimento interacionista. Para Lajolo (2018):

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário de obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. Ela é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora do que é literatura. A escola é uma das maiores responsáveis pela sacração ou pela desqualificação de obras e de autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética – exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária. (LAJOLO, 2018, p. 28).

Nesse ínterim, a escola funciona como o local das manifestações diante do mundo, espaço único de descobertas e leituras que marcam eternamente a vida de indivíduos mundo à fora. O lugar social denominado de sala de aula, é espaço legítimo e sensorial de experimentar as formulações, hipóteses e, sobretudo,

estéticas que a leitura literária e os múltiplos significados têm a ofertar. É, como aponta a autora, “espaço de interação entre dois sujeitos: o autor e o leitor.” (LAJOLO, 2018, p. 26).

Tal processo não se restringe ao aluno, pois, a importância do teatro em sala de aula também é experienciada pelo docente, haja vista que consegue encontrar procedimentos eficazes na busca de vivências e práticas escolares que sejam, na totalidade, a melhor possível para os educandos.

A prática educacional nos ensina que as experiências não se repetem. Cada lugar, cada grupo, cada pequeno conjunto de decisões e propostas encaminham a experiência docente a ser única em seu momento, nas intensidades com que se abordam questões, na ordem ou no tempo disponível para a condição deste ou daquele trabalho. Irrepetível, como uma peça teatral, e igualmente em busca de um parâmetro de compreensão da sua prática e da objetivação dos seus resultados, o trabalho do professor de teatro precisa deparar com algo que para ele é matéria-prima na exata medida em que faz da sua prática diária algo movido e de difícil domínio, que é justamente o espaço que separa uma pessoa da outra; o encontro e a relação entre indivíduos. É claro que todo professor trabalha sobre a tênue linha que abriga a difícil possibilidade de entendimento entre pessoas, mas talvez o professor de teatro seja o único a lidar com as relações humanas na densidade com que o faz, na abordagem e na reprodução dos seus processos, tratando-as como aspecto metodológico e como conteúdo simultaneamente, e muitas vezes sem discernir quando termina a matéria e quando se inicia o método de condução. (TELLES, 2015, p. 12).

Ou seja, cada vez mais a busca pelo entendimento do aluno, como forma de alavancar sua concentração, fazem com que a arte (ou melhor, nesse caso, ensino da arte teatral), seja uma abordagem interdisciplinar e não apartada do conteúdo e realidade discentes. A sala de aula tem como uma de suas principais funções a construção da autonomia e do sujeito e, assim sendo, é fundamental a inserção de práticas teatrais.

Decifrar o cotidiano não é tarefa fácil para o pesquisador interessado em traduzir a dinâmica e a riqueza de um determinado processo pedagógico. Tal aventura implica que ele tenha uma disposição de ampliar sua percepção de uma determinada realidade, “buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando as coisas e pessoas e [se] deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca em cada ponto do caminho diário” (Alves 2001, p. 17). A apreensão dos modos de fazer e ensinar dos espaços cotidianos necessita de uma “parceria” entre os sujeitos da pesquisa, para possibilitar a compreensão dos elementos presentes nesses modos, suas articulações, seus conteúdos e formas. (TELLES, 2015, pág., 19).

As “multiplicidades das práticas cotidianas” mencionadas por Telles (2015) solidificam procedimentos e métodos específicos no fazer docente, para que assim, o professor consiga adentrar o espaço escolar através das diversas possibilidades

socioculturais que o mundo apresente. A aula, dessa forma, torna-se um espaço de vivências, consciência e experimentação. Não mais o lugar apartado da bagagem do discente, e, conseqüentemente, instaurado no sistema de interpretações do mundo literário e seus processos de transformações.

## 2.2 No ser(tão) da BNCC: o gênero teatral e os documentos oficiais

Sob tal ótica, pontuam-se os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em maio de 2018, na busca por integrar uma perspectiva metodológica com o gênero teatral na escola. Dividida entre habilidades e competências, o objetivo principal da BNCC é nortear a formulação dos currículos dos sistemas de ensino, unificando e dando possibilidades. Assim, pontua:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL/MEC, BNCC, 2018, p.07)

Desse modo, a metodologia didática voltada ao ensino da Arte, nos Anos Finais de Ensino, está contida na parte denominada de Linguagens, área do conhecimento específica da BNCC. Dentre as especificidades dessa área está o teatro, apresentando os seguintes objetivos de conhecimento: contextos e práticas, elementos da linguagem e processos de criação. A partir de tais objetivos, o ensino do teatro pode favorecer o entendimento e a vivências das manifestações artísticas enquanto prática social, transformando os indivíduos em protagonistas.

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuantes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção. (BRASIL/MEC, BNCC, 2018, p. 196)

Assim, o documento reafirma as propostas voltadas ao teatro, destacando a importância do trabalho coletivo e a participação e atuação dos discentes,

possibilitando também a experiência de formação com o público ouvinte. Para o documento, é o reconhecimento e apreciação artística, em um processo de investigação, divulgação e circulação de atuação teatral. A BNCC, ao tratar do ensino com gênero teatral, salienta que a escolarização é o processo de socialização e reflexão humana e integral dos sujeitos.

### **3 MESTRE DE MIL FACES: A DRAMATURGIA SUASSUNIANA**

O popular e o universal, na escrita de Ariano Suassuna, são marcas peculiares e pungentes. Poeta, dramaturgo e romancista, advogado por formação, mas escritor por vocação, o paraibano foi grande defensor da cultura popular brasileira, sendo o idealizador do Movimento Armorial<sup>3</sup>, e escritor sempre voltado ao público mais amadurecido, para melhor haver recepção de suas críticas: morais, sociais, políticas e religiosas. Neste tópico, analisamos um pouco da conjuntura do autor e obra escolhidos.

#### **3.1 Um dramaturgo sertanejo**

O oitavo dos nove filhos de Rita de Cássia e João Suassuna, Ariano Vilar Suassuna, nasceu na Capital do estado da Paraíba, em 16 de junho de 1927. Em meio aos conflitos que deflagraram a Revolução de 1930, perdeu seu pai, assassinado, bruscamente. Essa morte atravessa sua escrita tão profundamente que embala as composições de suas tragédias. Acrescenta Machado (2019):

Ariano Suassuna teve sua vida particular, profissional, cultural e política pautada na interação do “Brasil oficial” e do “Brasil real”. Por quase um século, ele percebeu essa necessidade de mostrar um país ao outro. Assim, elaborou a sua literatura e docência, com o popular e o erudito sempre se imbricando e tendo o Movimento Armorial como a concretização dessa rede de sociabilidade. (MACHADO, 2009, p. 2)

Assim, nota-se o quão o célebre autor paraibano, era comprometido com os princípios de uma literatura clássica com formação enviesada no chão popular do nordeste. Ariano conviveu com as diversidades culturais e artísticas e se pautou na

---

<sup>3</sup> Lançado no Recife em 1970, com o objetivo de, nas suas palavras: “realizar uma arte erudita brasileira a partir das raízes populares da nossa cultura” (SUASSUNA, Ariano, 1975).

cultura erudita, como forma de representar as diversas manifestações culturais do nosso país.

Nesse sentido, sua mãe e seus irmãos migram para estabelecer-se em Taperoá, localizada no sertão da Paraíba. É nessa paisagem tórrida do sertão, que o leitor Suassuna conhece o que de mais genuíno existe na arte popular, os circos, a atmosfera cultural dos mamulengos e, também, dos cantadores nordestinos, indumentárias dos vaqueiros, manifestações que mais tarde, marcam fortemente a produção artística de Ariano. O próprio autor pontua, “A receita do meu teatro continua a ser essa fórmula, para mim mágica, que entrou em meu sangue na infância, com a Comédia brasileira, o Drama, o Romanceiro (...) e o Circo” (SUASSUNA, Ariano, 2000<sup>4</sup>).

Quando era estudante da Faculdade de Direito do Recife, conheceu Hermilo Borba Filho, entre outros jovens artistas e, juntos, idealizaram o que mais tarde ganhou o nome de Teatro do Estudante de Pernambuco, em 1946. Isso influenciou ainda mais as referências do autor nordestino; sua formação artística é perpassada por autores como Garcia Lorca, Gil Vicente, Virgílio, Plauto, Homero, entre outros. Assim, Ariano começa a perceber que os elementos populares da cultura sertaneja que tanto admirava eram extremamente significativos para a renovação do teatro brasileiro.

Em 1970, no Recife, Ariano lança o Movimento Armorial, sua forma de buscar a realização da arte erudita brasileira a partir dos elementos da cultura popular. Um diálogo de manifestações artísticas, o movimento tem ligação com o espírito mágico dos circos e da busca por uma arte erudita, mas genuinamente popular, para estampar as características de seu povo sem deixar de ser clássico.

### 3.2 Um amor do litoral ao sertão: Nuances entre Shakespeare e Suassuna

Ariano Suassuna era, desde pequeno, exímio contador de histórias, porém, suas obras não são de fácil compreensão, pois como gostava de ser chamado, esse “romanceiro popular do Nordeste” tratava com tom “humorístico” assuntos de natureza humana inflamada, desde a corrupção de um padre e sacristão, como na célebre obra *Auto da Compadecida* (1955), até mesmo a falta de caráter de

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao Jornal da Semana, em outubro de 2000.



Quaderna, personagem emblemático da obra inédita *As Conchambranças de Quaderna* (1987).

A crueza do mundo contemporâneo ressoa por entre as linhas de um escritor preocupado com seu papel, para muito além de apenas escritor, chegando a ser político nos apontamentos e certeiro nas críticas morais, tão locais quanto conseguem ser universais, e, até hoje, muito atuais. A denúncia social de Ariano é dada de modo risonho, a singularidade de um autor que consegue enfrentar a seca do sertão, as injustiças seculares e a corrupção com graça, esperança e fé. Pontua, Machado (2003):

Suassuna fez uso da história oral nordestina para criar as personagens de seus romances e peças. E em seus textos, registra para provocar o riso os tipos oficiais do seu universo matricial, Taperoá, Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba, onde se desenrola a ação de quase todos os seus trabalhos. Ele dizia que toda cidade do sertão tem o seu bêbado, o doido, o mentiroso e o herege oficiais. Justificando-se, pela escolha do cômico, apesar da dura realidade do sertão. (MACHADO, 2003, p.12).

Desde as aulas espetáculos, até os causos vividos por ele no sertão paraibano, tudo vira história, irreverente e sempre com muita lucidez. Pensando nessas sensações que Suassuna sempre despertou e, ousamos frisar, continua a provocar em seu público, selecionamos o texto intitulado *A história de amor de Romeu e Julieta* (2018), título da peça teatral que é um afetivo depoimento do autor para rerepresentar, com traços novos e armoriais, a célebre e já tão conhecida história originalmente escrita por Shakespeare, em 1591.

A adaptação da célebre obra não mais se passa em Verona e sim em Olinda, município brasileiro do estado do Pernambuco. Uma versão poética do sertanejo, com traços e vistas de um sertão imenso. Ariano desloca para o sertão nordestino, personagens clássicos e lendários consolidados pelo autor inglês, para a tradição oral e popular, cuja autoria é atribuída ao poeta paraibano João Martins de Athayde (1880), e adaptada por Suassuna, em 2018, passando a ser publicada pela primeira vez em livro.

O espetáculo é, também, um cruzamento entre linguagem cênica e a da literatura de cordel, potencializando a aproximação entre os gêneros literários, com a presença da cultura popular. Dividida em dois atos, e 92 sextilhas, *A história de amor de Romeu e Julieta* apresenta a estória dos amantes, incorporando os princípios do Movimento Armorial, em uma costura de reinvenções.

#### 4 LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NAS VEREDAS DA SALA DE AULA

Na atualidade, pouco se observa em pesquisas ou formações continuadas para professores, a exploração do gênero dramático, enraizada ainda em alguns pensamentos, a ideia de que explorar este gênero em sala de aula demanda tempo para propor uma leitura completa de determinadas histórias, o que afasta muitos professores da apropriação dramatúrgica. Por meio da literatura, e da peça que apresentamos nesta pesquisa, é possível compreender, em suas semelhanças com o dramatúrgico, a importância de seu trabalho em sala de aula. Cosson pontua:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneiras mais precisas o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2021, p. 17).

Neste sentido, o conceito de letramento literário tem sido muito discutido por estudiosos e pesquisadores da área de educação e literatura. O fato da escrita ser parte essencial da nossa existência, leva a entender o letramento como a melhor forma de enxergar o uso da linguagem em contexto social. E muito além do que apenas saber ler e escrever é, acima de tudo, tornar a escrita e a fala processos que envolvem conhecimentos prévios e de mundo.

A esse respeito, Cosson (2021, p. 132) reflete que “no paradigma da formação do leitor, é consensual que a literatura vale pelo seu caráter formativo, sendo essa a razão de seu papel destacado na escola e na sociedade em geral.” Ou seja, é fundamental que seja levado em consideração que tal processo de formação é constitutivo ao longo da vida, e é justamente através da inserção da peça a qual propomos, que obteremos estes conceitos na prática. Lajolo pontua que:

Em algumas situações contemporâneas, noções e práticas de literatura se afastam da exigência de formas fixas, da manifestação de altos saberes, de linguagens, emoções e sentimentos elevados. Mas esse rompimento não foi nem total nem definitivo. É lento, num vai e volta caprichoso (...) E gravita ainda, em torno da noção de literatura, um restinho da aura que sacramentava seus usos mais antigos. (LAJOLO, 2018, p. 41).

Desse modo, nota-se que o processo de democratização da literatura vem ocorrendo, deixando-a mais acessível, como na obra objeto de nossa pesquisa, que apresenta uma linguagem simples e significativa, assemelhando-se a um diálogo.

Lajolo ainda reflete que “Quando o homem não era mais símio, mas não era ainda completamente humano, ele se maravilhou com a linguagem” (LAJOLO, 2018, p. 43).

Para tanto, a linguagem e suas formas importam para este conhecimento a respeito do fazer literário, e do letramento significativo, antes mesmo de pensar nas próprias provocações textuais. A literatura se encarrega de transformar o convívio social, espaço de preenchimento dos vazios e descobertas de inúmeros outros sentidos dentro de um mesmo contexto. Através dela, podemos investigar os conhecimentos adquiridos e os que foram encobertos ou deixados de lado na formação humana e educacional. Acrescenta Colomer (2003):

A concepção da literatura como um fenômeno comunicativo conduziu também ao interesse por entender por que um texto é considerado literário e que chaves convencionais se requerem para interpretar um texto nesse sentido. A teoria da recepção, de tradição germânica, desenvolveu essas questões relacionando-as com a evolução da linguística textual europeia, segundo a qual a coerência do texto resulta das estratégias de leitura. (COLOMER, Teresa, 2003, p. 95).

Nessa concepção, nota-se mais uma vez a predominante importância indiscutível da escola, enquanto instituição que se volta as estratégias para o processo de leitura e interpretação textual dos alunos. O espaço de diversidades as quais se fundem para a concepção textual. A leitura escolar, dessa forma, é contribuição robusta para a formação do leitor literário.

Ao concebermos o letramento na perspectiva do gênero dramático, tentamos elucidar a prerrogativa de que as ações dos sujeitos, suas atividades ambientadas nos contextos pessoais, ou seja, suas práticas de natureza social, reverberam na assimilação e construção de significado na interação do sujeito com a escrita, e conseqüentemente, com a interpretação. Isso quer dizer que, nos mais variados contextos, o letramento se faz presente.

Nesse sentido, Cosson propõe que é no âmbito escolar onde se constitui a integrada relação entre a literatura e as práticas educativas. A literatura, na visão de Cosson (2011), pode até se distanciar do mundo, mas nunca se opõe a ele, e é através do contato com o leitor que esse fazer literário ganha forma. Argumentando, assim, sobre a sociedade contemporânea, o autor aponta a literatura como produto cultural e abrange os contextos de seu alcance, através não somente da leitura impressa, como também da digital, das redes sociais etc.

O letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura dos textos literários não consegue sozinha efetivar. Essas manifestações e produtos culturais são literários não simplesmente porque assumem as funções anteriores de proporcionar ficção, entretenimento ou qualquer outra função arbitrária aos livros literários no passado, ou ainda porque atingiram tal maturidade que precisam ser enobrecidos com o rótulo de literários - essa seria a parte mais fraca do argumento -, mas sim porque é assim que a literatura se apresenta atualmente/se configura em nossos dias. (COSSON, 2014, p. 19).

Dessa forma, apontamos o quanto a escola tem um importante papel a desempenhar, no ensino de literatura, fazendo com que os alunos se apropriem dos gêneros literários. As habilidades técnicas dos processos de leitura e escrita, como também, da busca por múltiplos significados, advêm da abrangência dos tipos de conhecimento, dos multiletramentos, e do campo de atuação nos quais os sujeitos são inseridos, tornando a literatura parte imprescindível na busca da formação do aluno leitor.

Outro aspecto importante que devemos elucidar é a difusão da literatura como um direito, um objeto social que encontra, nos sujeitos, aspectos, interpretações e visões próprias de mundo. Os paradigmas, pouco a pouco, vão sendo ressignificados, ao inserir determinados gêneros e propostas didáticas, a partir de diretrizes pedagógicas, para aprimorar os espaços formativos. De acordo com Cosson (2018),

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON, 2018, p. 29).

Nesse sentido, afirmamos o quanto a literatura é imprescindível no processo de desenvolvimento do humano em sociedade. Através dela, e em contato com inúmeras outras vertentes, opiniões e até posicionamentos diferentes, o conhecimento se torna expressivamente mais forte, dando oportunidade a quem lê, de consolidar, em aspectos variados, sua personalidade. O papel da escola nesse processo é fundamental para difundir outras linguagens e formas de interpretar o mundo que nos cerca.

A esse respeito, Santos (2009, p. 57) retrata que “A diferença entre os tipos de leitores ora generalizados como hipotéticos traz repercussões significativas na abordagem do fenômeno da recepção.” Ademais, Ariano Suassuna apresenta-nos

como os procedimentos de recepções e interações entre o texto ficcional e o leitor são mutáveis e acabam por elucidar a experiência estética com as histórias. O conceito de tipos de leitores, ligado diretamente ao tipo de estrutura textual é relevante, como aponta Santos:

Se o efeito estético não se cristaliza em algo existente podemos atribuí-lo a um lugar vazio da linguagem referencial. Assim, se denominamos de efeito estético aquilo que vem ao mundo através dele, então ele se diferencia do pré-dado no mundo real. Por que, então, num primeiro contato atribuímos características familiares ao estranho? Para compreender o diferente, primeiro o associamos ao conhecido. Quando tal associação é realizada a ponto de compreendermos o não-familiar, o efeito desaparece, já que para sê-lo precisa não se cristalizar em algo além de si próprio. (SANTOS, 2009, p. 94).

Desse modo, nota-se a grande relevância da formação do leitor também na compreensão efetiva do texto, a impressão dos alunos a respeito do contato literário, já denota que essa relação texto-leitor concede uma perspectiva interacional. O posicionamento de Zilberman é de que “um sistema interjetivo ou estrutural (...) e um indivíduo hipotético pode trazer a qualquer texto a emancipação de uma obra, ao desafiar um código vigente” (ZILBERMAN, 1989, p. 112)

Para tanto, pontuamos também a relevância de se compreender a importância do uso das confluências dos gêneros textuais em sala de aula, ainda levando em consideração os valores conceituais e sensoriais na busca pela experiência do aluno em contato com a literatura. A então significação, surge através de diversos fenômenos, dentre eles, as bagagens teóricas, históricas e culturais que em contato com a narrativa ganham novo significado.

Por analogia, apontamos mais uma vez a importância da dramaturgia nas concepções de significados do mundo e das vivências sociais, no processo do letramento literário. No que cabe à dramaturgia, enquanto ensino, o drama relaciona-se com a vida em sociedade, explorando através da arte, hipóteses e proposições da experimentação com o ato interpretativo. Embora a representação literária do trágico seja anterior ao nascimento das tragédias, ambas se completam.

À vista disso, e levando ao que concerne o letramento literário, Cosson propõe que exista uma sequência básica a ser seguida e, dessa forma, garanta-se a abordagem do material literário em sala de aula, integrando perspectivas metodológicas para gerar o interesse, por parte do contexto da comunidade de

alunos leitores, nas aulas de literatura do ensino básico. Os quatro passos sugeridos da sequência básica são: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Ao professor, cabe atuar como um andaime, sustentando as atividades a serem desenvolvidas de maneira autônoma pelos alunos. Em nossa proposta, o andaime está ligado às atividades de reconstrução do saber literário, que envolvem pesquisa e desenvolvimento de projetos por parte dos alunos. (COSSON, 2021, p. 48).

Assim, cabe consolidar a importância da execução das atividades, para gerar possibilidades sistemáticas e desenvolver métodos na prática em sala de aula. Todavia, vale ressaltar que o texto literário é múltiplo em significados, e logo, em possibilidades, o que acarreta processos a serem desenvolvidos e, se preciso for, modificados.

O encontro do leitor com a obra muito nos interessa neste trabalho, pois é através dos sentidos construídos individualmente e na coletividade, o que nos proporciona a intermediação e as descobertas do encontro com o texto. Esse processo precisa acontecer sem imposições, para que os indivíduos possam tirar suas conclusões e fazer suas escolhas de repertórios. Assim, pontuamos a preocupação desta pesquisa em refletir sobre as expectativas dos educandos.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180).

Desse modo, a visão de Candido corrobora a ideia do necessário trabalho textual, no processo formativo ético e intelectual dos alunos. Reconhece-se, assim, o direito à literatura como indispensável e essencial na formação leitora e nas concepções de mundo. É através dela, que haverá de fato a garantia de liberdade, expressão e autonomia, fazendo com que o indivíduo não só conheça como reconheça seu vasto patrimônio cultural e artístico.

A esse respeito, Candido (2011, p. 174) atenta que “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade.” Destarte, observamos o quanto estes conceitos por vezes elitizados e distantes do social são, na verdade, muito

próximos dos humanos. O contato com a arte é necessário, imprescindível e entrega ao universo os horizontes de expectativas para a vida em comunidade.

O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 2011, p. 74-175).

Dessa forma, observamos a grande relevância do contato com os significados da literatura, seus pressupostos e sua competência no centro da formação leitora, cabendo a mesmo ser humanizadora e deter em si aspectos básicos de nossas relações. Assim, “corresponder a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo [...] liberta do caos.” (COSSON, 2021, p. 15)

Para tanto, estabelecemos as concepções no que concerne ao valor da literatura e sua consciência crítica, a fim de chamar atenção ao papel do professor na mediação do texto. Nessa lógica, não queremos aqui romantizar e querer apontar que é tarefa fácil, na busca do letramento efetivo, ter habilidades adequadas aos mais diferentes espaços, porém, acreditamos que preparar alunos para relacionar criticamente ao ter contato com um texto, é de extrema relevância.

Diante disso, Cosson (2021) ainda propõe que não é só responsabilidade do professor, e ainda aponta falhas na formação docente, como também direciona ser papel do aluno, enquanto sujeito social e cidadão do mundo, ser colaborativo e despertar consciência crítica, política e autônoma a respeito do ensino de literatura. Nesse sentido, ainda pontua o autor a importância do papel da escola como locus de aprendizagem, socialização e integração.

Construída com a solidariedade de muitos alunos e colegas, nossa proposta de letramento literário mostra o caminho que percorremos para fazer da literatura na escola aquilo que ela é também fora dela: uma experiência única de escrever e ler o mundo e a nós mesmos. (COSSON, 2021, p. 34).

Dessa maneira, buscaremos expor alternativas de oficinas de literatura, respaldadas pela interpretação da obra do escritor Ariano Suassuna, dialogando com

os teóricos que abordamos, pontuando os procedimentos de externalizações da leitura sob caminhos autônomos em relação ao texto.

## 5 METODOLOGIA

A base metodológica utilizada para a proposta de intervenção tomou por base critérios, dentre eles, a formação do momento de leitura por prazer, uma vez que acreditamos que tal fato muda a perspectiva do aluno em sala e na visão escolar como um todo. Buscamos priorizar o processo de leitura aliado a encenação, para trabalhar com inúmeras vertentes de mudança e ampliação do ambiente de sala de aula, sendo uma possibilidade viável para os professores que desejarem seguir este norte.

O professor tem um papel promotor de conhecimentos fundamental, tanto em relação à leitura quanto na viabilidade literária. Para conferir o texto à sala de aula, utilizamos a vertente dos círculos de leitura, defendidos por Rildo Cosson (2014), que levam em consideração não apenas a leitura, como também a experiência leitora, entre texto e contexto. Para o autor, “nossas leituras são construídas dentro do jogo de forças de uma comunidade e que é por meio da participação nessa comunidade que nos constituímos como leitores.” (COSSON, 2014, p. 138).

Nossa proposta volta-se ao 9º ano do Ensino Fundamental (anos finais) onde os alunos poderão desenvolver uma leitura mais apurada da obra dramática e, assim, conhece-la de forma mais pontual. A proposta pauta como culminância das atividades, a realização de um Sarau Teatral, onde os alunos apresentam a obra, em um jogo dramático que leva em consideração não apenas métodos práticos e metodológicos, mas também, a criatividade e a improvisação dos envolvidos.

Cabe, então, ao professor, adequar, segundo suas vivências e realidades, a forma de como mediar e adaptar, se preciso for, tais etapas e atividades.<sup>5</sup>

Cosson (2014) pontua o valor da leitura demonstrando a concepção de ler enquanto um diálogo, defendendo que o círculo de leitura se processa por meio de quatro elementos: leitor; autor; texto e contexto. Tais elementos sintetizam o que concerne um leitor eficiente, ressignificando práticas de leitura nos moldes

---

<sup>5</sup> Em anexo II, um esboço de Plano de Aula.



convencionais, tornando as concepções de letramento literário realmente validadas como prática social necessária ao chão escolar.

### 5.1 Etapas de intervenção: de Verona ao Litoral Nordestino

Neste tópico, apresentaremos como as etapas sugeridas como metodologia deste trabalho, para implementar o texto dramaturgico de Ariano Suassuna, no contexto da sala de aula, a partir das concepções de Cosson (2021) sobre os círculos de leitura.

#### **Etapa 01: Modelagem**

Aqui, a partir das perspectivas do Cosson (2021), a atividade essencial é centrada na forma escolhida pelo docente para apresentar o círculo de leitura aos alunos, em detalhes. Sugerimos que seja apresentado, aos alunos divididos por grupos, o texto de Ariano Suassuna, de forma integral, em cópias xerografadas. Junto ao material, é primordial que o professor explique que o trabalho acontecerá em etapas, para que os alunos fiquem cientes de como o círculo funcionará. É importante, nesta etapa, que o professor questione os alunos se eles já ouviram falar da célebre história de Romeu e Julieta, para embasar as concepções da trama. “A modelagem é a base para o posicionamento de um círculo de leitura. Consiste em ‘encenar’ para os alunos e ensaiar com eles todas as etapas de funcionamento de um círculo” (COSSON, 2021, pág., 65).

#### **Etapa 02: Prática**

Esta atividade é dividida por Cosson (2021) em etapas, partes que aqui serão denominadas de sessões, nomeadas por letras. O objetivo é que, seguindo as etapas, o professor possa ter, ao final, o processo de teatralização da peça do Ariano Suassuna como atividade final do processo de leitura literária. Atentamos para a indiscutível importância do professor ter autonomia para com tais processos, adaptando a realidade de suas respectivas salas de aula. Aproveitamos para destacar que, tal atividade não precisa, necessariamente, ser realizada por

professores de língua portuguesa, como também, professores de língua inglesa, ou, até mesmo, em parceria.

**Sessão a - Seleção das obras:** A obra escolhida é a peça teatral *A história do amor de Romeu e Julieta* (1997), de Ariano Suassuna. Cosson (2021, p. 42) acrescenta que: “A seleção das obras a serem lidas no círculo de leitura deve ser compartilhada entre o professor e os alunos.” A leitura da obra é fundamental, neste momento, de maneira a fazer os alunos descobrirem o cenário, os personagens e o enredo que perpassa a narrativa. Não é uma leitura desconexa, mas significativa, abordando desde já, espaço, personagens e vivências. Sugerimos que, dado os textos em anexos, os docentes imprimam a quantidade para leituras individuais ou em duplas, nesse primeiro momento, para fidelizar o primeiro contato, é importante a exposição dos motivos que levam a tais escolhas.

**Sessão b - Formação dos grupos:** Sugerimos que se organizem, por afinidades e também por ordem de aparição, os próprios personagens contidos na peça. A afinidade é primordial para não haver rejeição ao texto, levando os alunos a se envolverem ainda mais com o processo de leitura da obra. Cosson (2021, p. 46) pontua que: “Os grupos devem ser formados com não menos que três e mais que cinco alunos”. Não sendo fixos, e sim mutáveis, os grupos devem estabelecer uma comunidade de leitores engajados e comprometidos, e já serem pensados em função da teatralização. Sugerimos que a divisão fique a encargo da necessidade do professor, mas consideramos um número excelente que grupos tenham de 3 a 4 alunos, auxiliando também o processo de leitura e recepção desse momento.

**Sessão c - Cronograma:** O cronograma se dará para o tempo gasto na leitura em sala de aula, e tempo de ensaio da peça, qual será a proposta de culminância (exercício final) desta atividade. Pontuamos 8 encontros para estabelecer a leitura e o ensaio da obra. No plano de aula anexo a este trabalho, encontram-se a abordagem por aula e tempo respectivo de cada etapa. As etapas seguem a ideia sequencial, desde leitura do texto até mesmo a interpretação dos mesmos, sequenciado por todo debate que ocorrerá por entre as aulas, fatos estes que, não podem ser determinados nem mensurados, e aconteceram naturalmente e de maneiras diferentes nos diversos contextos.

**Sessão d - Encontro inicial:** O encontro inicial se dará após o primeiro contato com a leitura. Os alunos se agruparão para discutir pontos importantes da leitura realizada, como por exemplo, o fato de na obra original o amor proibido que permeia a trama acontece em Veneza e, na releitura, acontecer no litoral da Paraíba. Cosson frisa que “Em um círculo de leitura, vale mais o processo do que o conteúdo, ou seja, o que realmente importa para a aprendizagem é menos a leitura daquela obra específica e mais a leitura intensiva de uma obra”. (Cosson, 2021, p. 57). Assim, é importante que, neste momento, dividam-se os alunos em grupos a partir dos personagens com que os mesmos tenham se identificado mais.

**Sessão e - Encontro mediais:** Esse encontro se dará como forma de orientar e discutir com os alunos o contexto da obra escolhida, de autoria nordestina e com representações características e culturais, onde é preciso discutir a respeito da função de cada aluno e dividir os personagens a partir das escolhas dos mesmos. Acrescentamos que não é necessário que todos os alunos participem da encenação, até porque, alguns alunos não se sentem à vontade quanto a isto; porém, para que seja um processo de integração com o coletivo, os demais alunos podem ajudar no processo de organização do cenário e composição dos figurinos dos atores.

**Sessão f - Encontro final:** Aqui se dará a apresentação da obra, que usará uma aula de 45 minutos para ser efetivada, e terá como público outras turmas para prestigiar a releitura nordestina do corpo discente. “O encontro final é o momento em que se encerra a leitura daquela obra pelo grupo. Ele precisa seguir três passos: reunião do grupo, apreciação da apresentação e autoavaliação” (Cosson, 2021, p. 60). Assim, é de extrema importância que a encenação seja a coroação de todo processo, mas não a mais importante. É onde os alunos mostrarão os resultados do processo de leitura e o que aprenderam com o texto.

### **Etapa 03 - Avaliação**

O processo de avaliação se dará, a partir de inúmeras estratégias de autoavaliação. Deve ser caracterizado por uma soma de fatores, desde a participação dos alunos em todo processo, até a encenação e organização teatral.

Tudo é levado em consideração, até mesmo a autoavaliação dos próprios alunos. “Para realizar a avaliação do círculo de leituras, o professor tem vários meios e objetos à sua disposição e um princípio que deve se colocar acima de todos: a efetivação da leitura literária.” (Cosson, 2021, p. 75).

## **6. FECHANDO AS CORTINAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

No trabalho apresentado, é possível compreender que, o teatro de Ariano Suassuna é extremamente necessário para o contexto da sala de aula. O escritor sertanejo, adaptando uma obra genuína de Shakespeare, consegue trazer à tona a cultura do povo nordestino, em sequências carregadas de características emblemáticas.

Na peça em estudo, há a presença de personagens arquétipos que evidenciam contrastes riquíssimos para o âmbito escolar, na busca de criar identificação com os alunos. A elaboração desse trabalho nos fez entender, mais uma vez, a força e expressividade da dramaturgia como gênero necessário para estar em sala de aula.

Diante disso, essa obra liga-se à tradição oral, pois foi inspirada em cordéis na sua releitura, na busca por atrair pelo diálogo dos personagens, além de apresentar as falas de cada um com características da expressão oral, fatos que remetem ao cordel e ao folclore.

Destacamos, por fim, que Suassuna se utiliza do Movimento Armorial para dar a peça originalmente inglesa, aspectos populares, tão característicos e necessários para serem trabalhados em sala de aula.

Tendo em vista a complexidade de se falar sobre as obras de Ariano Suassuna, este trabalho apresentou apenas um caminho para uma interpretação de sua obra, embasada, tão somente, no aspecto de dramaturgia, mas pode (e deve) o professor engajado e curioso, buscar outras identificações da obra, para utilizar enquanto material didático<sup>6</sup>.

Logo, em nenhuma das partes desse trabalho de conclusão, houve a intenção de esgotar o assunto, mas sim, iluminar os caminhos para futuras pesquisas relacionadas à dramaturgia, cultura nordestina e ensino literário. O círculo de leitura

---

<sup>6</sup> Em anexo, fornecemos o texto na íntegra.

prova ser uma metodologia acessível, prática e extremamente prazerosa de ser aplicada em sala de aula. Esperamos ser este um auxílio, um caminho às práticas de letramento literário com o texto teatral.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério de Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Versão final homologada em 11 de maio de 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 06/09/22.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: editora Unesp, 2018.

MACHADO, Aurea Maria Bezerra. **Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional no Brasil Real**. ANPUH-BRASIL, 30º simpósio nacional de história. Recife, 2019.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SUASSUNA, Ariano. **A história do amor de Romeu e Julieta**. Folha de São Paulo. Suplemento: Mais! 19 jan.1997

SPOLIN Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Romeo and Juliet**. Ed. Brian Gibbons. 7. ed. reimp. Arden Shakespeare. Methuen: London, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos 41).

## ANEXO I: DO TEXTO NA ÍNTEGRA:

### ARIANO SUASSUNA DA PROVÍNCIA ITALIANA,

Personas dramáticas:

Antero Savedra, 1º

Coro

Quaderna, 2º Coro

O Duque Capuleto

O Conde Montéquio

Romeu, menino

Três carrascos

Romeu, adulto

Mercúcio

Músicos, bailarinos e  
bailarinas

Julieta

Teobaldo

O Padre

A Criada

Figurantes

Verona - a cidade do

Recife

Mântua - a cidade de

Olinda

A ação decorre em

Verona e Mântua, ou

seja, no Recife e em

Olinda.

Na versão teatral, deve

ser instalado um

pequeno palco dentro

do maior. No menor é

que surgirão os

bonecos que,

conduzidos por atores,

repetirão, para Romeu,

adulto, a cena que ele

viu em criança.

Também nele é que

acontecerá a noite de

núpcias de Romeu e

Julieta.

Deve haver também,

no palco maior, duas

cadeiras, nas quais se

sentarão Antero

Savedra e Quaderna

nos momentos em que

o Coro emudece e

falam os personagens.

Quaderna:

Vou contar, neste

Romance,

a história de Romeu.

A sua curta existência,

e tudo o que padeceu.

Foi a história mais

tocante

que a minha Pena

escreveu.

É uma história

conhecida

em quase toda Nação.

No Teatro e no

Cinema,

tem causado sensação,

deixando amargas

lembranças

no mais brutal coração.

O que sofreu Julieta,

quem, como eu, já tem

lido,

todo o seu

padecimento

como foi acontecido,

depois de seis, sete

anos,

inda não está

esquecido.

Verona, antiga cidade

foi berço dos

Capuletos,

aquela raça tirana,

inimiga dos

Montéquios,

família honesta e

humana.

O Duque de Capuleto,

que tinha grande  
poder,  
queria, ao Conde  
Montéquio,  
aniquilar e vencer.

Os dois viviam  
sonhando  
ver um ou o outro  
morrer.

Ali, tudo era desgosto,  
intriga e rivalidade.  
Um dia, corre a notícia  
que assombrou toda a  
cidade,  
notícia que era o  
começo

Romeu tinha quatro  
anos  
quando veio um  
pelotão,  
mandado por Capuleto  
por uma cruel traição.  
Nesse dia foi  
Montéquio  
trancado numa Prisão.

Ficou o Conde  
Montéquio  
naquela Prisão  
sombria.  
Ali, ele ignorava  
se era de-noite ou de-

dia.  
Era preso e  
acorrentado:  
nem se mexer não  
podia!

Montéquio:  
Aqui estou  
acorrentado,  
sem socorro de  
ninguém.  
Aqui estou aprisionado,  
sem saber como e por  
quem!  
E, ah meu Deus, minha  
mulher  
vem ali, presa também!

Que dor no meu  
coração  
ao ver minha Esposa  
amada,  
trazida por três  
Carrascos,  
um de-lança, dois de-  
espada!  
E ela com Romeu nos  
braços,  
triste, só e  
abandonada!

Condessa:  
Eu te abraço, meu  
Marido,

minhas queixas  
relatando!  
Vê nosso filho Romeu  
que, inocente, está  
chorando!

Capuleto:  
Aqui é chegada a hora

Montéquio, agora me  
pagas,  
hoje eu hei de me  
vingar!  
Um dia, jurei vingança  
e agora vou te mostrar  
o furor da minha ira  
a que ponto vai chegar!

Estás aí, prisioneiro,  
pra mim não tens  
cotação.  
Vou decidir tua sorte,  
tenha ou não tenha  
razão!  
A vida de tua Esposa  
está aqui, na minha  
mão!

Tua querida Mulher  
vai morrer, para teu  
mal!

Talvez ela nem mereça  
este golpe tão fatal.  
Vai morrer em tua

vista,  
cravada por meu  
Punhal!

Montéquio:  
Eu te digo, Capuleto:  
tu roubaste o meu  
direito!  
Prendeste-me à  
traição,  
és um Duque sem  
conceito!  
Mata-me a mim! Que  
ela viva,  
e eu morrerei satisfeito!

Capuleto:  
Montéquio, eu vou  
matá-la,  
não adianta chorar!  
Te odeio  
profundamente,  
mas vivo vou te deixar,  
para que a morte dela  
tu sempre possas  
lembrar.

Condessa:  
Ah, meu Deus, que  
sina triste!  
Me sinto desfalecida!  
Olho aqui para meu  
filho,  
por ele choro, sentida,

pois vejo que não me  
resta  
nem meia hora de vida!

Capuleto cochicha ao  
ouvido de um dos  
carrascos, o qual  
arranca Romeu dos  
braços da mãe.

Capuleto:  
A teus pedidos,  
Montéquio,  
meu sangue não  
atendeu!  
Já ordenei ao  
Carrasco,  
que logo me obedeceu!  
foi arrancado Romeu!

O Pai dele está aí,  
infeliz e acorrentado!  
Tu, Mulher, vem para  
cá,  
aqui, pr'este outro lado,  
que é pra teu Marido  
ver  
como, em ti, serei  
vingado!

Eu já tirei meu Punhal,  
que à cintura  
carregava.  
Já cravo no peito dela

-era o que sempre  
jurava!-  
e o Punhal já vai  
rangindo,  
enquanto o sangue  
golfava!

Condessa:  
Senhor Duque  
Capuleto,  
seu coração é  
perverso!  
Tenha dó do meu  
filhinho,  
que ainda dorme de-  
berço!

Capuleto:  
Não! Vou calcar o  
Punhal  
para entrar até o terço!

Condessa:  
Com a dor da  
punhalada  
meu corpo se  
estremeceu!  
Adeus, meu querido  
Esposo,  
cuida do nosso Romeu!  
Diz a Romeu que a  
Mãe dele,  
sendo inocente,  
morreu!



Os músicos repetem a primeira frase do "Romance de Minervina".

Montéquio, agora me pagas,  
hoje eu hei de me vingar!  
Um dia, jurei vingança, e agora vou te mostrar o furor da minha ira a que ponto vai chegar!

Estás aí, prisioneiro, pra mim não tens cotação.  
Vou decidir tua sorte, tenha ou não tenha razão!  
A vida de tua Esposa está aqui, na minha mão!

Tua querida Mulher vai morrer, para teu mal!  
Talvez ela nem mereça este golpe tão fatal.  
Vai morrer em tua vista,  
cravada por meu Punhal!

Montéquio-boneco:  
Eu te digo, Capuleto:  
tu roubaste o meu direito!  
Prendeste-me à traição,  
és um Duque sem conceito!  
Mata-me a mim! Que ela viva,  
e eu morrerei satisfeito!

Capuleto-boneco:  
Montéquio, eu vou matá-la,  
não adianta chorar!  
Te odeio profundamente,  
mas vivo vou te deixar,  
para que a morte dela tu sempre possas lembrar.

Condessa-boneca:  
Ah, meu Deus, que sina triste!

Me sinto desfalecida:  
Olho aqui para meu filho,  
por ele choro, sentida,  
pois vejo que não me resta  
nem meia hora de vida.

Aqui, os bonecos repetem a cena de Capuleto cochichando ao ouvido de um dos carrascos.

Capuleto-boneco:  
A teus pedidos,  
Montéquio,  
meu sangue não atendeu!  
Já ordenei ao Carrasco,  
que logo me obedeceu!  
foi arrancado Romeu!

O Pai dele está aí,  
infeliz e acorrentado!  
Tu, Mulher, vem para cá,  
aqui, pr'este outro lado,  
que é pra teu Marido ver  
como, em ti, serei vingado!

Eu já tirei meu Punhal,  
que à cintura carregava.  
Já cravo no peito dela -era o que sempre jurava!-  
e o Punhal já vai

rangindo,  
enquanto o sangue  
golfava!

Condessa-boneca:  
Senhor Duque  
Capuleto,  
seu coração é  
perverso!  
Tenha dó do meu  
filhinho,  
que ainda dorme de-  
berço!  
O Castelo estava em  
festa,  
ricamente  
embandeirado.

Romeu saltou do  
cavalo  
e combinou com o  
amigo.  
Entraram lá,  
disfarçados,  
naquele Castelo antigo,  
pois ambos eram  
valentes,  
não fugiam do perigo.

Os que estavam na  
festa,  
tinham ido  
mascarados.  
Assim fizeram os dois:

entraram fantasiados,  
ambos de Castelo  
adentro,  
em capotes,  
embuçados.

Dentro, tudo era  
alegria,  
muitos rapazes  
dançavam.  
Algumas moças,  
sentadas,  
com seus noivos  
conversavam.  
Tocavam alguns dos  
Músicos,  
outros, alegres,  
cantavam.

Os atores e bailarinos  
dançam ao som de  
"Bernal Francês", que  
pode ser tocado com a  
música do "Romance  
da Bela Infanta", pois  
ela permite variação de  
ritmo.

Romance de Bernal  
Francês:

- Quem bate na minha  
porta?  
Quem bate? Quem  
está aí?

É Dom Bernaldo  
Francês,  
sua porta mande abrir!

- No descer da minha  
Cama,  
eu rompi o meu Frandil.  
No descer da minha  
Escada,  
me caiu o meu Chapim.  
No abrir da minha  
Porta,  
apagou-se o meu  
Candil.  
Eu te pego pela mão,  
te levo no meu Jardim,  
te faço Cama de rosas,  
travesseiro de Jasmim.  
Te lavo em água-de-  
cheiro,  
te deito em cima de  
mim.

- Deixem que volte de  
novo,  
com minha Capa a cair.  
Quero ver se a minha  
Dama  
inda se lembra de mim!

- Tua Dama, Cavaleiro,  
está morta, que eu já  
vi.  
Os sinais que ela

levava  
vou dizer agora aqui.  
Os sinos que lhe  
tocaram  
por minha mão os  
tangi.  
O Caixão em que a  
enterraram  
era de ouro e marfim.

Palavras não eram  
ditas,  
morre Bernal, no  
Jardim.  
Esta foi a sua história,  
foi este o seu triste fim.

Quaderna:  
A filha de Capuleto,  
a formosa Julieta,  
dançava com um rapaz  
que vestia roupa preta.  
Tinha ao seio, por  
enfeite,  
um cacho de violetas.  
Romeu:  
Meu Deus, estou  
encantado  
com toda aquela  
beleza!  
Aquela Moça parece  
uma Fada, uma  
Princesa!  
Mercúcio, quem é

aquela?  
Quem é aquela  
lindeza?

Mercúcio:  
É filha de Capuleto!  
O leque que ela trazia  
caiu de sua bela mão,  
quando, há pouco, se  
movia!

Romeu:  
Eu vou lá! Vou apanhá-  
lo!

(Entregando o leque:)

O leque lhe pertencia?

Julieta:  
Sim, o leque me  
pertence!  
Muito obrigada,  
Senhor!  
Em paga da gentileza  
queira aceitar esta flor:  
receba esta Violeta  
em troca do seu favor!

Romeu:  
Eu beijo esta doce Flor  
Vou guardá-la junto ao  
peito,  
com todo amor e

cuidado,  
como se fosse uma  
Jóia  
que aqui eu tivesse  
achado.

Eu não penso mais na  
jura  
que fiz a meu velho  
Pai!  
Pois o Amor é água  
pura  
que em nossas almas  
cai,  
e o desejo de vingança  
na sede do Amor se  
esvai!

Deixe a dança, Julieta,  
finja que vai passear.  
Guardo comigo um  
segredo  
que a você vou revelar.  
Vá lá para a outra Sala:  
me espere, que chego  
lá!

Julieta:  
Sinto que empalideci,  
que estou da cor de um  
Jasmim!  
Para a outra Sala, não:  
é melhor lá no Jardim!  
Lá tu podes me dizer

o que desejas de mim!

Há pouco, quando

falavas,

o meu peito

estremecia!

Como te chamas?

Romeu:

Romeu!

Julieta:

Pois, Romeu, não sei

se vias

que vieste me salvar

Que é que tens pra me  
dizer?

Já soou a meia-noite,

os meus Pais estão

dormindo! Não tenhas

medo da Noite, pois o

Luar está lindo!

Continuação da pág. 5-

5

Romeu:

Escuta, linda Criança!

Eu vim tomar de teu

Pai

a mais dura das

vinganças.

Mas o Punhal com que

eu vinha

deponho ante as tuas  
tranças!

Diante de tal beleza,

sinto meu peito

chagado!

Por teus olhos verde-

azuis,

eu fiquei enfeitiçado.

Eu estou louco de

amor!

Estou cego,

apaixonado!

Teu Pai matou minha

Mãe,

quando eu era menino.

Jurei vingar essa

morte,

porém decreta o

Destino

que tudo seja

esquecido,

ante teu rosto divino!

Serei perjuro! Jamais

a meu Pai eu voltarei!

A teus pés, divina

imagem,

o teu Escravo serei!

Juro que junto de ti

viverei e morrerei!

Pois bem, Julieta:

agora

eu quero este Amor

selar!

Quero em tua linda

boca

um beijo depositar!

Julieta:

O que é isto? Sem

pudor,

eu já me deixo beijar?

Romeu:

Existe, só, um remédio

pra aliviar o pudor:

é repetirmos o beijo,

agora com mais calor!

Julieta:

Meu Deus, eu me sinto

tonta!

Foi a dança ou é o

Amor?

Romeu:

Julieta, quem é este

que sai ali, de um

recanto,

pior que um Tigre

feroz,

cheio de raiva e de

espanto?

Julieta:

É o Marquês Teobaldo,  
meu primo! Te odeia  
tanto!

Teobaldo:

Romeu, que fazes  
aqui?

Responde-me,  
miserável!

Que vieste procurar?  
Teu sangue é sangue  
execrável!

Sai daqui, senão a  
morte  
é teu fim inevitável!

Julieta, vai também,  
senão serás arrastada!

Julieta:

Não, Romeu, não lhe  
respondas!

Meu primo, guarda a  
Espada!

Teobaldo:

Não desobedecerás  
à minha ordem, já  
dada!

Romeu:

Teobaldo, Teobaldo!  
Não toques nem sua  
mão!

Se tu deres mais um  
passo,  
cairás morto no chão!

Pois minha Espada  
certeira  
cortará teu Coração!

Os dois lutam.

Julieta:

Meu Deus! Romeu e  
Teobaldo  
cruzam já suas  
Espadas!

Já sinto que vou cair  
sobre o solo  
desmaiada!

Cai, Romeu mata  
Teobaldo. Julieta  
recobra os sentidos.

Meu Deus, o que se  
passou?  
A luta está terminada!

Teobaldo já caiu,  
por um golpe  
traspassado!

O pano de sua roupa  
já está de sangue  
molhado!

E Romeu, de pé,  
contempla

o seu ferro  
ensanguentado!

Já lá chega, do  
Castelo,  
o pessoal que dançava!

Capuleto:

O que foi que houve  
aqui?

Quem foi que tais gritos  
dava?

O quê? Teobaldo  
morto?

Meu sobrinho que eu  
amava?

Prendam já este  
assassino  
e levem para a Prisão!  
Vai ser condenado à  
morte,

sem demora e sem  
perdão!

Quem derramou o meu  
sangue  
não merece  
compaixão!

Os músicos tocam "A  
Rosa Roseira".

Quaderna:

Fazia, já, sete dias

que Romeu fora detido,  
quando, uma noite, ele  
ouviu  
na Prisão grande ruído,  
e apareceu Julieta,  
envolta em branco  
vestido.

Julieta:  
Romeu, Romeu de  
minh'alma,  
quanto sofri tua  
ausência!  
Debalde pedi, por ti,  
a meu Pai sua  
clemência!  
Eu vim te tirar daqui,  
desta cruel penitência!

Falei com um velho  
Padre,  
a quem contei,  
lealmente,  
que tinha por ti,  
Romeu,  
uma paixão louca,  
ardente!  
O Padre me prometeu  
casar-nos  
secretamente!

Vem! Eu subornei os  
guardas:  
Não há ninguém nos

seguindo!  
Já soou a meia-noite,  
os meus Pais estão  
dormindo!  
Não tenhas medo da  
Noite,  
pois o Luar está lindo!

Romeu:  
Meu Deus, que  
felicidade!  
É a minha noiva-  
amante!

Julieta:  
Vamos lá para a  
Capela,  
chegamos lá num  
instante:  
Lá, o Padre nos  
espera,  
com o Coroinha-  
ajudante!

Enquanto os dois se  
casam, na presença do  
padre, os músicos  
tocam "Bernal  
Francês", a música da  
festa.

Quaderna:  
Assim, Romeu, na  
Capela,

com Julieta casou!  
Debaixo dos pés de  
Cristo  
foi que ele se ajoelhou  
e, diante de Deus, por  
ela,  
amor eterno jurou!

O Padre:  
Romeu, vou dar-lhe um  
conselho  
é melhor você partir.  
Você deve ir para  
Mântua,  
lá, um tempo, residir.  
Prometa à sua Mulher  
ir dela se despedir.

Ela sai, vai esperá-lo,  
fiel, em sua janela.  
Você, daqui a  
momentos,  
vai lá, para estar com  
ela.  
Suba o muro do  
Castelo  
e vá para o quarto dela.

Julieta:  
Romeu, vou em tua  
frente,  
para no Castelo  
esperar-te.  
Por enquanto, aqui tu

ficas,  
para o Padre  
aconselhar-te,  
pois o Padre é nosso  
amigo:  
o que pretende é  
salvar-te!  
Sai.

O Padre:  
Muito bem, Romeu,  
meu filho!  
Você agiu bem,  
Romeu!  
Mas agora é  
necessário  
cuidar do futuro seu.  
Você não diga a  
ninguém  
que quem os casou fui  
eu!

Hoje mesmo, antes que  
o Sol  
tenha chegado a sair,  
você deve ir para  
Mântua:  
Julieta fica aqui.  
Se o ambiente  
melhorar,  
eu mandarei prevenir.

Na sua ausência, eu  
prometo

por Julieta velar.  
O ódio de Capuleto  
procurarei abrandar.  
Se conseguir, a notícia  
logo mando lhe levar.

Romeu:  
Beijo-lhe a mão, meu  
bom Padre,  
mas minh'alma está  
ferida!  
Vou procurar Julieta,  
vou procurar minha  
vida!  
Sei que me arrisco,  
mas vou  
celebrar a despedida!

Quaderna:  
Ao chegar lá no  
Castelo  
Romeu achou sua  
amada.  
Julieta o esperava,  
na varanda debruçada.  
Romeu parecia ter  
a alma toda exaltada!

Julieta:  
Quem bate na minha  
Porta?  
Quem bate? Quem  
está aí?

Romeu:  
Ah, minha amada, é  
Romeu!  
sua Porta venha abrir!

Abre-se a cortina do  
palco menor, onde se  
vê uma cama. Fala  
Julieta, enquanto se  
encaminha para lá,  
com Romeu.

Julieta:  
No deitar da minha  
Cama,  
se rompeu o meu  
Frândil.  
No descer da minha  
Escada,  
me caiu o meu Chapim.  
Eu te pego pela mão,  
tu entras no meu  
Jardim.  
Te faço Cama de  
rosas,  
travesseiro de Jasmim.  
Te lavo em água-de-  
cheiro,  
te deito em cima de  
mim.

Os dois entram e  
fecham a cortina.

Novamente a critério do encenador, a cena seguinte pode ser representada pelo ator que faz Romeu ou por dois bonecos que representem o casal. Romeu (ou o casal de bonecos) aparece por cima do travessão que sustém a cortina.

Romeu:  
"Eu tirei minha Gravata, ela tirou o Vestido.

Eu, o cinto, com Revólver, ela seus quatro Corpinhos. As anáguas engomadas soavam nos meus ouvidos como um tecido de seda por vinte facas rompido.

Eu toquei seus belos peitos que estavam adormecidos, e eles se ergueram, de súbito, como ramos de jacinto.

Naquela noite eu passei pelo melhor dos caminhos, montado em Potrinha branca, mas sem Sela e sem estribos. Suas coxas me escapavam, como Peixes surpreendidos, metade cheias de fogo, metade cheias de frio".

Julietta:  
"Ele tirou a Gravata, eu tirei o meu Vestido. Ele, o cinto, com Revólver, e eu, meus quatro Corpinhos. As anáguas engomadas soavam nos meus ouvidos como um tecido de seda por vinte facas rompido.

Ele tocou nos meus Seios, que estavam adormecidos,

e eles se ergueram de súbito, como ramos de jacinto. Naquela noite, corri pelo melhor dos caminhos, montada por um Ginete, mas sem Sela e sem estribos. Minhas coxas lhe escapavam, como Peixes surpreendidos, metade cheias de fogo, metade cheias de frio".

Quaderna:  
Então, que imagine o público esta cena de noivado. O tempo em que estiveram aqueles dois abraçados. Quantos beijos, quantos toques, quantos êxtases trocados!

O Dia já vinha entrando pela brecha da Alvorada. Eles, coitados,



pensavam  
que inda era a  
Madrugada,  
e Romeu, feliz, beijava  
o corpo de sua Amada.

Quando, porém,  
conheceram  
que o dia estava a  
chegar,  
Romeu disse a Julieta:

Romeu:  
Eu inda estava a  
sonhar!  
Adeus! Nesta hora  
triste,  
eu parto, vou te deixar!

Vamos viver  
separados,  
pois o Destino assim  
quis.  
Eu peço a Deus que te  
faça,  
no mundo, muito feliz.  
Eu partirei para o exílio:  
cumpro uma Sorte  
infeliz!

Se algum dia tu  
souberes  
que eu, longe de ti,  
morri,

murmura a Deus uma  
prece  
por quem tanto amou a  
ti.  
Derrama por mim teu  
pranto,  
que eu, por ti, muito  
sofri.

Quanto a mim, também  
te juro  
que, se morreres  
primeiro,  
sobre o teu leito de  
morte  
eu virei, triste romeiro,  
dar, abraçado contigo,  
meu suspiro derradeiro.

Eu estou sentindo um  
triste  
pressentimento de  
Morte.  
Minh'alma, como uma  
Nau  
que está perdida e sem  
norte,  
vagueia num Mar  
imenso,  
entregue a terrível  
sorte.

Como vai ser triste e  
duro

o tempo que vou  
passar  
longe de ti, Julieta,  
Adeus, enfim: vou  
seguir!  
Adeus: eu vou te  
deixar!

Adeus, Verona, onde  
deixo  
meu Sonho, minha  
ilusão!  
Adeus casas, ruas,  
praças,  
e aves de arribação.  
Adeus, Julieta! Eu  
parto,  
mas fica o meu  
coração!

Quaderna:  
Beijaram-se os dois  
amantes,  
se abraçaram  
docemente.  
Juraram que haveriam  
E afinal se separaram,  
chorando o Amor  
inocente.

Logo após Romeu  
deixava  
a nobre e bela Morada.  
Julieta, soluçando,

na Varanda debruçada,  
ficou até que Romeu  
se sumiu no pó da  
Estrada.

Daquele dia em diante,  
Julieta não mais sorriu.  
Sonhando pelo Jardim,  
nunca mais ninguém a  
viu.  
pra canto nenhum saiu.

Todos ficaram  
pasmados,  
perante aquela tristeza.  
Pensavam que era  
doença  
sua profunda frieza.  
Só à imagem de  
Romeu  
é que se mantinha  
presa.

Um dia, seu pai  
chamou-a  
até a sua presença:

Capuleto:  
Minha filha, escute  
aqui:  
eu quero que te  
convenças  
pra esta tua doença!

Ontem, veio o Conde  
Páris  
te pedir em casamento.  
Por ser um moço de  
bem,  
dei-lhe o meu  
consentimento.  
Vou te apresentar a  
ele,  
dentro de poucos  
momentos.

Julieta:  
Pai, não faça esta  
desgraça!  
Eu não quero me  
casar!  
Eternamente solteira,  
quero meus dias findar!  
Somente a você, meu  
Pai  
é que na vida hei-de  
amar!

Capuleto:  
Não, minha filha, ouve  
bem:  
tu deves ter um Marido!  
Já dei meu  
consentimento  
e o voto será cumprido!  
Já tenho o Conde por  
genro,  
e um genro muito

querido!  
  
Se não cumpres o  
mandado  
que agora te faço a ti,  
podes dizer para o  
mundo:  
"Para meu Pai, eu  
morri!"  
Pois nunca mais  
deitarei  
minha bênção sobre ti!

Julieta:  
Paciência! Como Pai,  
o senhor faz o que  
quer!  
Mas eu, desse Conde  
Páris,  
nunca serei a Mulher!  
Desculpe, querido Pai:  
não posso lhe  
obedecer!

Quaderna:  
Capuleto, furioso,  
Chegou a empurrar ao  
chão  
a pobre filha inocente.  
E, todo cheio de cólera,  
saiu de lá  
bruscamente.

Julieta, em desespero,

sua Criada chamou.

Julieta:

Vá me procurar o  
Padre  
que é o meu  
Confessor.  
Diga-lhe que, sem  
demora,  
venha aqui onde eu  
estou!

Quaderna:

Alguns momentos  
depois,  
quando o Padre ali  
chegou,  
Julieta, para ele,  
os seus desgostos  
contou.  
A cena que o Pai  
fizera,  
também toda relatou.

Acabada a narração,  
o Padre pega a falar:

Padre:

Ah, filha, você não  
deve  
deixar-se desesperar!  
Acho que tenho um  
remédio  
que tudo pode evitar!

Precisa muita coragem  
para o que vou lhe  
propor.  
Mas você não tenha  
medo:  
confie em Nosso  
Senhor!  
Escute então o que eu  
digo,  
pois meu plano vou lhe  
expor.

Eu tenho, há muito,  
comigo,  
um frasco de  
dormideira.  
Se você tomá-la, fica  
morta uma semana  
inteira.  
Com ela, é que vou  
salvá-la!  
É assim, desta  
maneira:

Você bebe a  
dormideira,  
e vão pensar que  
morreu.  
Seu Pai faz o seu  
enterro:  
quem vai celebrar, sou  
eu!  
Acabada a cerimônia,

mando avisar a  
Romeu.

Ele vem, leva seu  
corpo  
pra Mântua, terra do  
exílio.  
Talvez, depois, o seu  
Pai  
o receba como filho.  
Se assim for, vocês  
dois  
vão viver o seu idílio!  
Selou depressa o  
Cavalo,  
e, como um raio, partiu,  
em galope cego e  
doido,  
como ninguém nunca  
viu.  
E, a caminho de  
Verona,  
num momento se  
sumiu!

Quando, lá no  
Cemitério,  
pelo Portão já entrara,  
encontrou Páris que ia  
levar Rosas que  
comprara  
para perfumar o corpo  
Páris gritou a Romeu:

Páris:

Que vens tu fazer  
aqui?  
Não sabes que  
Capuleto  
tem grande ódio por ti?  
Retira-te, se não  
queres  
também ficar morto aí!

Romeu:

A resposta que te dou  
é tirar a minha Espada  
e descarregar, em ti,  
tal golpe de cutilada,  
que te decepe a  
cabeça,  
na primeira navalhada!

Lutam. Romeu mata  
Páris.

Quaderna:

Matou, guardou a  
Espada,  
e correu para onde  
estava  
o belo corpo daquela  
a quem mais que tudo  
amava,  
e que, naquele  
momento,  
como morta ali se

achava.

Romeu (bebendo o  
veneno):  
Este Veneno é quem  
salva,  
Nada me resta no  
mundo,  
pois Julieta morreu!  
No outro vivo, no Reino  
a que ela se acolheu!

Meu Amor, vou  
encontrar-te:  
eu não me deixo  
abater!  
Já faz efeito o Veneno,  
eu já começo a morrer!  
Já estão cegos meus  
olhos!  
Mas, vendo-te, volto a  
ver!

Morre.

Quaderna:  
Nesse instante, Julieta  
e, então, muito  
espantada,  
Romeu ali avistou.  
Estava, porém, já  
morto,  
e ela se desesperou.

Julieta:

Romeu! Ah, que dor  
terrível!  
Romeu! Estou como  
louca!  
Com todo este  
sacrifício  
nossa sorte ser tão  
pouca?  
Não é possível!  
Romeu,  
dá um beijo em minha  
boca!

Acorda, Romeu,  
acorda!  
Faz-me, um que seja,  
um carinho!  
Vamos nós dois,  
descuidados,  
seguir o nosso  
caminho,  
e, longe daqui, bem  
longe,  
fazer, pra nós, outro  
ninho!

Quaderna:

Ficou assim, muito  
tempo,  
chamando por seu  
Esposo.  
Afinal, viu que ele fora  
para o lugar do

repouso,  
lá, onde um outro  
sentido  
têm Amor, e sonho, e  
gozo.

Tirou, então, de  
Romeu,  
o seu Punhal afiado.  
Enterrou no coração  
aquele ferro aguçado,  
e caiu, morta, por cima

Aí, algumas pessoas  
que foram ao Cemitério  
ficaram muito  
espantadas  
com todo aquele  
mistério:  
morto o casal, morto  
Páris,  
na entrada do  
Presbitério.

Depois, soube-se de  
tudo,  
porque o Padre contou.  
Capuleto, muito triste,  
um Túmulo preparou,  
e os Amantes,  
abraçados,  
dentro dele sepultou.

Somente depois da

morte  
foi que puderam se  
unir,  
tendo, os dois jovens  
corpos,  
já deixado de existir,  
e nada mais, neste  
mundo,  
lhes sendo dado fruir!

Os músicos tocam o  
"Romance de  
Minervina. Antero  
Savedra pronuncia a  
Segunda-Cadência-de-  
Moralidade. Encerrada  
esta, Quaderna retoma  
a palavra:

Quaderna:  
Quem ouviu este  
Romance  
e sabe o que se  
escreveu,  
sabe a Condessa  
Montéquio  
em que condições  
morreu.  
Também conhece a  
fraqueza  
que seu filho cometeu.

Romeu, que era  
valente

-diz a sua biografia-,  
soube, dita por seu Pai,  
a dor que este sofria.  
Romeu jurou de vingá-  
lo,  
no mesmo ou no outro  
dia.  
Mas logo deixa a  
promessa  
no fundo de uma  
gaveta.  
Bastou ver, num belo  
seio,  
um cacho de violetas.  
Mesmo inimiga do Pai,  
amou logo a Julieta.

Nas condições em que  
estava,  
não tinha nenhum  
rodeio:  
era vingar-se de tudo,  
fingindo como um  
passeio.  
Não tinha que  
perguntar  
se o rosto era belo ou  
feio.

Mas ele não fez assim:  
quando entrou naquela  
Sala,  
viu Julieta dançando,  
fez tudo pra conquistá-

la.  
 Inda ela sendo uma  
 Deusa,  
 ele deveria odiá-la!

Romeu foi falso a seu  
 Pai,  
 vem daí o seu castigo.  
 Faltou-lhe tenacidade:  
 não percebeu o perigo

Foi este o maior motivo  
 Romeu traiu a família,  
 faltou-lhe com a  
 lealdade.  
 Onde existe um ódio  
 antigo

não pode haver  
 amizade.

Os Amantes de Verona  
 tiveram fim  
 desgraçado,  
 embora tenham  
 morrido  
 um com a outra  
 abraçado.

Julieta apunhalou-se,  
 Romeu foi-se,  
 envenenado.

-De modo que o  
 espetáculo acaba com  
 a última estrofe do

folheto sertanejo que  
 lhe deu origem:-

Antero SAVEDRA e  
 Quaderna:  
 Quem odeia a traição  
 tem que dizer como eu:  
 como o rapaz não  
 vingou-se  
 eu escrevi, mas não  
 gosto.

Recife, 21 de fevereiro  
 de 1996. Dia do  
 centenário de  
 nascimento de Dona  
 Rita Villar Suassuna.

## ANEXO II: PLANO DE AULA (sugestão)

Professor (a):

Turma:

**HABILIDADES:** - Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos. - Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais. - Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro.

**OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM:** - Conhecer o que é Teatro; - Entender o conceito de personagem e suas ações por meio de mímicas, expressões corporais e faciais;

### DESENVOLVIMENTO DA AULA

- **AÇÕES DO PROFESSOR:** Dividir os grupos e as etapas do Círculos de Leitura, bem como, fechar com a turma o dia da apresentação final (encenação) da obra.
- **ATIVIDADE DE VALIDAÇÃO DA APRENDIZAGEM:** Sarau teatral – apresentação da obra para outros alunos/pais e equipe escolar.
- **TAREFA DE CASA:** Organização de fala, cenário e figurinos. (Aqui, aconselhamos ao professor, que na divisão, leve em consideração os alunos que não vão querer estar em cena, e, a eles, delegue coordenações de figurinos e cenário, para que não sejam excluídos das atividade como um todo. Afinal, todas as partes são essenciais).
- **MATERIAIS:** Folhas, cartolinas, Caixa de som e etc.